

Identidade e Memória no saber-fazer dos grupos sociais da Ilha de Campompema, Abaetetuba, Pará¹

Marzane Pinto de Souza

(IFPA - Ananindeua / PPGS-UFSCAR)

RESUMO: Este texto é uma reflexão preliminar sobre Identidade e Memória no saber-fazer das ribeirinhas e dos ribeirinhos quilombolas da Ilha de Campompema, Abaetetuba, Pará. Pensar sobre Identidade e Memória como noções relacionais e interdisciplinares, no sentido de transgredir os domínios disciplinares da Antropologia, da Sociologia e da História. Nesta ilha, os grupos sociais compartilham contextos históricos, políticos e sociais, em que suas identidades e memórias são também expressas nos saberes e fazeres do cotidiano, bem como, na relação com os diferentes ecossistemas de terra firme e várzea. A memória é também apreendida como constituinte da identidade. No entanto, dada à perspectiva interdisciplinar destas noções, faz-se necessário desenrolar alguns *fiões invisíveis*² para direcionar a compreensão desta realidade amazônica. Os procedimentos metodológicos incluem a pesquisa de campo inicial, conversas informais, observação e registros fotográficos.

Palavras-chaves: Identidade; Memória; Saber-Fazer.

Considerações Iniciais:

Na Amazônia paraense há intensa relação entre os grupos sociais e natureza(s), especialmente, os grupos que moram nas ilhas, cuja vida atravessa e é atravessada pelas águas, o que mostra um convívio integrado às dinâmicas das águas, das matas, da terra firme e da várzea. Estas relações com a(s) natureza(s) e a descrição de saberes e fazeres mobilizam as noções de identidade e memória. No município de Abaetetuba, estado do

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020. Trata-se de uma versão inicial apresentada junto ao PPGS / UFSCAR, como trabalho final na disciplina Identidades e Memória: perspectivas analíticas, ministrada pelas professoras Maria da Glória Bonelli e Maria Aparecida de Moraes Silva (orientadora de tese).

² Neste texto, estabeleço o critério de colocar as citações e categorias teóricas em itálico. E as palavras utilizadas pelo grupo pesquisado entre aspas. Assim, *fiões invisíveis* é uma expressão de BRANDÃO, 1995, p. 65.

Pará, especificamente na Ilha de Campompema³, lócus desta pesquisa, existe área de terra firme e de várzea. Estes ecossistemas diferentes e complementares, além da influência de elementos da natureza como a lua e a maré interferem diretamente no modo de vida desta população.

Os rios da região são utilizados para atividades produtivas, para as festas religiosas, para transporte de cargas e pessoas, enfim, são contextos das histórias e memórias de homens e mulheres que constroem as especificidades de sua existência. Segundo Brandão (1995, p. 65), as pessoas estão sempre querendo lembrar, isto é, estão querendo reconstruir para si mesmas e para os outros o sentido de si vivido e lembrado como algo que, mais que identidade, é um destino. Deste modo, é relevante na comunidade manter e transmitir de alguma forma seus saberes e fazeres.

A questão fundiária nas áreas ribeirinhas da Amazônia mostra-se complexa, como no caso da Ilha de Campompema que apresenta duas regularizações fundiárias: Em 2002, o ITERPA (Instituto de Terras do Pará), outorga o **Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo**⁴ em favor da ARQUIA (Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba). Em 2004, o INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária), juntamente com a SPU (Secretaria de Patrimônio da União) estabelece a criação do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) São João Batista⁵. O exíguo espaço de tempo entre as regularizações fundiárias são resultado de intensas lutas dos movimentos sociais da região.

O histórico de lutas da população de Campompema também se expressa na intensa participação nos movimentos sociais como o MORIVA (Movimento de Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba) e nas instituições locais como: as pastorais da Igreja Católica, sindicatos, as associações, cooperativa, colônia de

³ Ilha de Campompema, no município de Abaetetuba pertence à mesorregião do Nordeste Paraense, possuindo coordenadas geográficas de 01° 43' 24" de latitude Sul e 48° 52' 54" de longitude a Oeste. Ocupa uma área de 1.610,652 km², com população estimada em 2020 de 159.080 pessoas, localiza-se a 120 km da capital, Belém (disponível no site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/abaetetuba/panorama>. Acesso em: 18 set. 2020).

⁴ Este documento reconhece o domínio de uma área de terras com ocupação e uso por famílias remanescentes de quilombos das comunidades: Alto e Baixo Turiaçu, Campompema, Jenipaúba, Acaraqui, Igarapé São João, Arapapu e Rio Tauerá-Açu. Ressalta-se que todas estas comunidades estão localizadas em Ilhas do município de Abaetetuba.

⁵ O PAE São João Batista compreende uma área de 471 ha, contêm 296 lotes e 289 famílias assentadas, segundo dados do INCRA. Ressalta-se que os lotes que estão às margens dos rios, em geral, tem mais de uma família morando no mesmo.

Pescadores e, após a implantação do assentamento a criação do CAGROQUIVAIA (Conselho do Assentamento Agroextrativista, Várzea, Quilombolas e Grupos Afins das Ilhas de Várzea de Abaetetuba).

Mas não só de histórias de lutas e resistências vive esta população ribeirinha quilombola e assentada. Há uma relação peculiar entre seu modo de vida e a natureza que busca garantir a manutenção e preservação dos recursos naturais, e desenvolve, ao longo do tempo, tecnologias capazes de preservar e conservar os ecossistemas. Observa-se que a interação com instituições como empresa de extensão rural, organizações não-governamentais, universidades entre outras, também contribui para que os saberes e técnicas produtivas tradicionais sejam integradas aos saberes técnicos e científicos, como uma via de mão dupla, e garante os modos de vida destes grupos sociais na Amazônia.

As lutas ainda estão presentes na ilha para defesa de seus territórios, para reivindicar a garantia de direitos e para implementar políticas públicas, bem como, para assegurar o seu modo de existência. As histórias da população de Campompema são *experiências incontáveis e daí a necessidade dos narradores terem apoio nas estruturas mediadoras da linguagem, da narrativa, do ambiente social, da religião e da política* (PORTELLI, 2001, p. 109). Assim, o interesse pelas noções de identidade e memória é envolvente e desafiador. No primeiro momento, faz-se necessário o diálogo com diferentes concepções de identidade e como estas se relacionam para compreensão do saber-fazer dos grupos sociais de Campompema. Em seguida, refletir sobre memória e como esta noção também constitui a identidade de quem recorda, segundo Amado (1995, p. 132), somente a memória possui as faculdades de separar o eu dos outros, de recuperar acontecimentos, pessoas, tempos, relações e sentimentos, e de conferir-lhes significados. E por fim, perceber a perspectiva interdisciplinar das noções de identidade e memória para apreensão dos significados dos saberes e fazeres da Ilha de Campompema.

1 Identidades e os saberes e fazeres na Ilha de Campompema

As lutas pela legalização das terras, segundo as pesquisas iniciais, indicam a interferência direta nos processos de formação identitária (DUBAR, 1997; 2009), pois a existência de grupos/povos/coletividades que *misturados*⁶ no mesmo contexto histórico, político e social reivindicam identidades que instigam a compreensão de como estes sujeitos sociais delimitam ou ampliam suas múltiplas identidades e como estas *misturas* se relacionam diante das possíveis mudanças ocorridas nos modos de vida desta população. Estes sujeitos sociais se autoidentificam principalmente como ribeirinhos, extrativistas, agricultores, pescadores, assentados e *ribeirinhos quilombolas*.

As múltiplas identificações estabelecidas diante de *outros* (seja instituições governamentais ou não) na Ilha de Campompema mostra a ponta do iceberg das identidades constituídas nas relações na comunidade e com os de fora. Cardoso de Oliveira (2000) utiliza recursos como a metáfora (*des*)*caminhos* de, para explicar as ambiguidades que norteiam tal discussão. E é na análise de alguns destes caminhos ou descaminhos que enveredo neste momento, no sentido de refletir sobre como as múltiplas identidades (re)construídas pelos sujeitos sociais da Ilha de Campompema se relacionam e em quais contextos estas se manifestam, evidenciando a especificidade do ser ribeirinho e ribeirinha na Amazônia.

A identidade é algo construído, uma condição forjada a partir de elementos. Identificar estes elementos definidores de um grupo entre os diversos sujeitos sociais na Ilha de Campompema e delinear como ocorre a relação com os de fora, dado que as diferenças são efetivas no próprio grupo. Costumes e hábitos não são primordiais, mas podem ser resultado de uma crença de origem compartilhada pelo grupo (Barth, 1998). A apreensão dos mecanismos de identificação é fundamental porque reflete a identidade em processo, isto é, como é assumida por indivíduos e/ou grupos em diferentes situações concretas.

O processo de constituição da identidade seduz autores como Dubar (1997, 2009, 2018), cuja trajetória intelectual reflete recorrentemente sobre tal noção, ele a considera como uma noção *poliforma* e *bulímica* e elabora a ideia de *formações identitárias*. Esta para entender que são várias as identidades que assumimos, se

⁶ Referência a Pacheco de Oliveira (1999). Para este autor, a expressão *índios misturados* permite explicitar valores, estratégia de ação e expectativas dos múltiplos atores presentes na situação interétnica. Estes contatos interétnicos são fenômenos comuns no mundo moderno.

constitui em um movimento de tensão permanente entre os atos de atribuição e os atos de pertença. Enquanto a atribuição corresponde à identidade para o outro, a pertença indica a identidade para si, e o movimento de tensão se caracteriza, justamente, pela oposição entre o que esperam que o sujeito assumira e seja e o desejo do próprio sujeito em ser e assumir determinadas identidades.

Então, Dubar ao pensar a identidade como diferença, ao mesmo tempo, que é o pertencimento comum, este paradoxo só pode ser resolvido na perspectiva de que a identidade não existe sem alteridade. Ao conceber a ideia de crise de identidade este autor remete a ideia de uma *ruptura de equilíbrio entre diversos componentes*. Todavia, os limites das ideias sobre a crise de identidade de Dubar (2009) parece não se configurar nos grupos de ribeiros quilombolas das ilhas de Abaetetuba, pois a fluidez e maleabilidade destas identidades não contrasta e nem está em crise, considerando que as gerações pós regularização fundiária não estranham tais identidades, talvez as crises se estabeleça entre outros grupos na Amazônia como os estudados por Pacheco de Oliveira (1999) como *misturados*.

Na Ilha de Campompema, a expressão *ribeirinhos quilombolas* constitui uma das identidades assumidas como forma de reivindicar direitos através de lutas, saberes, fazeres e histórias. Na pesquisa de Cardoso (2012) realizada na comunidade de São João do Médio Itacuruçá, também no município de Abaetetuba/PA. Esta identidade apresenta uma especificidade de vida, que permeia a própria natureza e a luta pelo modo de existir destes grupos sociais que trazem a marca de *ribeirinhos*, concomitantemente, *quilombolas* pois trazem raízes históricas e de reconhecimento de terras ocupadas por seus antecedentes. As identidades ribeirinhas e ribeirinhos quilombolas se constituem numa história de luta, de resistência marcada por uma realidade envolta a natureza, aos rios, a terra, ao trabalho, numa região caracteristicamente amazônica. A dinâmica da fluidez das identidades locais também colabora para valorização e visibilidade de saberes e fazeres relevantes e significativos para a existência do grupo de ribeirinhos quilombolas.

Assim, os saberes e fazeres dos sujeitos ribeirinhos quilombolas apresentam marcas identitárias localmente amazônicas. A elaboração e criação de instrumentos de trabalho advêm na maior parte da própria natureza, como por exemplo: a confecção

artesanal de matapi⁷, paneiro, vassoura, cestos, etc. Acrescenta-se os saberes e fazeres sobre a pesca do camarão, criação de galinha e porcos, produção de rabetas⁸, entre outros que são repassados de pais para filhos. Estas atividades mais o manejo do açaí e a extração das sementes nativas (como andiroba, buriti) estão integrados ao universo simbólico e a natureza. Segundo o Sr. Raimundo Pereira, conhecido como Seu Diquito⁹, a maré e a lua interferem diretamente na pesca; no manejo de açaí e na coleta das sementes nativas. Mais adiante, a reflexão sobre estes saberes e fazeres mostra como um conjunto de experiências e vivências que interligam diferentes contextos culturais e políticos.

2 Memória e os fios invisíveis na Ilha de Campompema

O fio invisível, que deveria tudo unir e dar um sentido a tudo o que se reconhece que foi vivido e agora se memoriza (...) É uma espécie de rio subterrâneo à experiência lembrada da vida, alguma coisa não inteiramente dominada pelo sujeito-ator e também nunca totalmente recordada pelo autor da memória, mas em nome de sua realização, de seu cumprimento, tudo afinal foi vivido (BRANDÃO, 1995, p. 65).

Este fio invisível conduz para elaborações reflexivas recheadas de significados para quem compartilha sua memória, para quem a registra e a torna objeto de estudo, para quem está envolvido no contexto e para quem não está. Ao refletir sobre como que a memória conduz a pesquisadora por caminhos de reflexos no espelho. Às vezes, a sensibilidade para se autopolicar e evitar os julgamentos sobre os colabores, co-autores, para não pensar enquanto mentirosos e/ou emissores de realidades.

A autora Amado (1995) considera que a entrevista pode e deve ser utilizada pelos historiadores como fonte e como tal deve ser submetida a contraprovas e análise. No entanto, é necessária sensibilidade no trato com as fontes orais, não é obrigatória a constatação da veracidade da narrativa ou mesmo buscar documentos considerados oficiais. Amado (1995, p. 131) é um bom exemplo de como o exercício de trabalhar

⁷ Matapi: é um artefato utilizado para a pesca do camarão. O material utilizado para a confecção do matapi são as talas retiradas de uma palmeira chamada Jupati (*Raphiavinifera P. Beauv.*). Estas talas em geral são compradas, pois não existe mais em abundância na maior parte dos lotes.

⁸ Rabeta: tipo de transporte utilizado pela população ribeirinha. É feito em madeira, sem cobertura, e adaptação de um motor, tornando assim a viagem mais rápida.

⁹ Sr. Raimundo Pereira, conhecido como Seu Diquito, é morador da Ilha de Campompema e tornou-se um dos assentados do PAE São João Batista, seu lote localiza-se às margens do Rio Cumiquara, onde mora há mais de 40 anos com sua esposa, filhos e netos. É uma pessoa que assume lideranças políticas e religiosas em diferentes contextos históricos.

com memória faz o pesquisador ou a pesquisadora trilhar por (des)caminhos inusitados, pois *o vivido remete à ação, a concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória.* Assim, a identidade e memória são noções fundamentais para compreender a dinâmica da realidade das pessoas que moram na Ilha de Campompema.

Segundo Bosi (2018), registrar a memória oral visa provar a oralidade das fontes, mais do que isto tornar-se um instrumento de constituição da crônica do cotidiano. Portanto, não é necessário comprová-las, mas talvez torná-las fontes de comparação e apreensão dos significados, como na etnografia, em que a utilização de várias técnicas e metodologias para uma *descrição densa*¹⁰ da realidade torna a análise da oralidade relevante para a interpretação da realidade estudada.

A recuperação da memória, segundo Bosi (2018), não basta para atender a necessidade de enraizamento, pois *do vínculo com o passado se extrai a força para formação da identidade* (p. 16). Assim, a memória está nas relações cotidianas, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Mas, a memória tem desvios e inautenticidades, pois, como menciona Amado (1995, p. 134) *toda narrativa, no entanto, possui uma dose, maior ou menor, de criação, invenção, fabulação, isto é: uma dose de ficção. (...) O simbólico expõe as relações entre as diversas culturas, espaços e grupos sociais pelos quais a narrativa transita.*

3 Saberes e Fazeres na Ilha de Campompema

A dinâmica dos saberes e fazeres da população de várzea amazônica do ponto de vista antropológico exige uma metodologia que considera as interpretações que os próprios sujeitos sociais fazem de suas experiências, individuais ou coletivas, no contexto local e os significados atribuídos a estas vivências, tendo como referências os ecossistemas de terra firme e várzea, estas relações espaciais vinculam-se às relações

¹⁰ Geertz (2014), a prática etnográfica “é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (p. 4). Mas o próprio autor reconhece que esta prática é mais um conjunto de técnicas, mas o esforço para apreensão do significado constituído em cada cultura.

sociais. Estas experiências misturam relações produtivas individualizantes (trabalho, consumo) e mais coletivas (religiosidade, parentesco, vizinhança) nas quais se entrecruzam saberes e fazeres.

A partir das ideias de Geertz (1997) compreende-se que os saberes e fazeres dos ribeirinhos quilombolas de Campompema devem ser analisados sem coisificá-los e sem obscurecer seus significados. Assim, as práticas sociais do universo de observação, em que estes sujeitos sociais se reconhecem e se caracterizam como comunidade ribeirinha que vive às margens dos rios e apresenta uma relação extremamente forte com a água. O rio é fundamental para sua alimentação (pesca de camarão e peixes), transporte (tanto para a sede do município como para Belém, capital do estado), comunicação, trabalho, religião, festas, enfim para sua existência.

Os saberes e fazeres dos ribeirinhos quilombolas da Ilha de Campompema se entrelaçam e fazem parte de um emaranhado de dimensões afetivas, sociais, culturais, históricas e políticas, que favorece as identidades e memórias que os costumes e as tradições revivem, ao longo dos séculos, pelos mais velhos aos mais novos. Os saberes e fazeres estão relacionados também com a concepção de vida, de existência singular e com a educação tanto na escola como nos processos de trabalho, de organizações políticas e culturais.

As atividades produtivas e integradas que são desenvolvidas em Campompema estão relacionadas ao extrativismo, a pesca de peixes e de camarão regional, ao artesanato, a pequena criação de animais, a roça, a produção de matapi e a produção de embarcações típicas da Amazônia como rabetas, canoas, cascos a remo, entre outras. O trabalho comumente é dirigido pelo responsável da família que pode ser o homem ou a mulher depende da situação, da atividade e de quem estiver em casa ou no lote, e realizado por familiares e/ou pessoas contratadas da comunidade. A seguir, apresenta-se os diversos saberes e fazeres relacionados ao processo do trabalho.

3.1 Saberes e Fazeres na produção de Açaí

O açaí, na Ilha de Campompema, é um fruto importante por fazer parte da alimentação dos ribeirinhos quilombolas que misturam o açaí com farinha de mandioca e se alimentam no acompanhamento do peixe, camarão, carne e outros. Para alguns moradores da região o açaí está incluído em todas as refeições (café da manhã, almoço e

jantar). O açaí também é um dos principais produtos comercializados para a sede do município de Abaetetuba e pra capital do estado, Belém.

Os saberes e fazeres na produção de açaí exige certas habilidades dos ribeirinhos quilombolas, para o manejo e coleta do fruto. Após subir na árvore de açaí com a peconha¹¹, o colhedor corta com facão e retorna com o cacho na mão. Esta operação requer saberes e fazeres como habilidade física e saberes sobre o estado do fruto. O colhedor repete o ato de subir na árvore, dezenas de vezes ao dia. O açaí na propriedade do Seu Diquito é nativo e plantado. O açaí manejado torna-se uma alternativa que garante o açaí o ano todo para o consumo familiar, pois este fruto é fundamental nas refeições diárias da família.

Geertz (1997, p. 114) já considerava esta possibilidade de refletir sobre algo aparentemente insignificante como o *senso comum*. Então, descobrir os significados dos saberes e fazeres dos grupos sociais da Ilha de Campompema é realizar uma etnografia sobre *a vida como um todo*, em que, estes sujeitos sociais têm convicção da validade e do valor de sua cultura. Atualmente, ver foto 1, Seu Diquito só apanha açaí para consumo familiar, considerando que a idade não permite a habilidade que tinha quando mais jovem. Toda esta experiência é mediada pela socialização, pelo compartilhamento de saberes e fazeres no cotidiano de aprendizagens de filhos e netos.



Foto 1: Seu Diquito, aos 60 anos, apanhando açaí
Fonte: Acervo pessoal.

Seu Diquito afirma que o açaí, uma das principais fontes de trabalho e renda, só está bom para a venda após o dia 24 de agosto, momento, segundo ele, “que o santaná

¹¹ Peconha: é um utensílio utilizado para escalar a árvore de açaí. É uma espécie de cinto feito de fibra do tururi ou outra, é colocado no pé. É confeccionado pelos ribeirinhos e ribeirinhas que vão fazer a coleta do açaí. Em geral, as mulheres coletam apenas para o consumo da família e os homens realizam a coleta em maior quantidade tanto para o consumo como para a comercialização.

passa por cima do açáí e neste dia não é bom ir pro mato”. Hall (2003, p. 18), no diálogo implícito com Geertz, considera que *a linguagem é um dos “meios” através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos.* Assim, a ideia de santanáís expressa pelo Seu Diquito pode parecer ambígua já que impede a população local de fazer a colheita do açáí no dia 24, mas a partir de então o açáí fica bom para o consumo e para a comercialização. Isto mostra como saberes incorporados do imaginário amazônico expressam a representação de como os encantados da mata protegem seus frutos.

Segundo Maués (2005), no catolicismo popular da Amazônia, o caboclo concebe os encantados como seres humanos que não morreram, mas se encantaram, talvez possa se considerar como um mito. E chama atenção que *um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é, isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização, simbólica e narrativa das auto representações partilhadas por uma cultura* (PORTELLI, 2001, p. 120-121).

Estes saberes são cotidianamente legitimados e transmitidos de geração em geração nas experiências do modo de vida. Assim, Brandão (1995) enfatiza que a educação está em todos os lugares e no ensino de todos os saberes. Desta forma, não existe modelo único de educação, a escola não é o único lugar onde ela ocorre. Existem inúmeras educações e cada uma atende aos grupos sociais em que ocorre, assim, é a forma de reprodução dos saberes que compõe uma cultura, portanto a educação também constrói identidade.

3.2 Saberes e Fazeres na produção do matapi

O matapi é o principal artefato utilizado para a pesca do camarão regional. O camarão é uma das variedades no cardápio ribeirinho e contribui na formação da renda familiar. Em geral, este produto é comercializado na *beira* (situada na sede do município). Segundo Seu Diquito, o material utilizado para a produção do matapi são as talas retiradas de uma palmeira chamada Jupati (foto 2). Na ilha, esta palmeira é rara nos lotes de terra e insuficiente para atender a produção do matapi, assim, as talas são compradas ou o artefato é comprado pronto para o uso.



Foto 2: Seu Diguito fazendo as talas de jupati
Fonte: Acervo pessoal.



Foto 3: Matapi sobre a ponte.

No inverno amazônico (período mais chuvoso de dezembro a maio), momento da entressafra da produção do açaí, a confecção do mapati torna-se para algumas famílias uma das fontes de trabalho e renda, já que é usado pela família para pesca do camarão como também é comercializado para outras famílias da comunidade e/ou vendido como artesanato.

Segundo Seu Diquito, a confecção do matapi requer conhecimentos específicos, há famílias tradicionalmente responsáveis e guardiães de tais saberes e fazeres, ele mesmo tem dificuldade para fazer, mesmo tendo conhecimento. Brandão (2002) enfatiza que é na relação dos grupos sociais com os elementos da própria natureza que os sujeitos sociais se fazem como ser cultura.

As pessoas, segundo Thompson (1981, p. 189) *não experimentam sua própria experiência apenas como ideias... Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades*. Assim sendo, ser ribeirinha e ribeirinho quilombola não exige conceituação, mas reconhecimento da singularidade dos sujeitos que vivem permeados nos respectivos modos de vida, de trabalho, de se alimentar, de conviver, de construir histórias envoltas às águas, às matas e por trazer raízes, embora na memória familiar.

3.3 Saberes e Fazeres na criação de animais

Os saberes e fazeres dos grupos sociais de Campompema, sejam ribeirinhos assentados e/ou ribeirinhos quilombolas mostram na integração dos sistemas de criação de aves e peixes como é possível o diálogo com os saberes técnicos-científicos. Nas fotos 5 e 6 mostra o sistema de criação de galinha integrado ao cultivo de peixes exibem habilidades para elaboração e construção de instalações aparentemente simples e funcionais, com os recursos naturais disponíveis na propriedade, tais como, ripa¹², madeira redonda, palha de palheira e outros.

Estas instalações para a criação de galinha caipira, estabelece diálogo entre conhecimento local e técnico, e também oferecem um ambiente protegido e higiênico, que não permite a entrada de animais predadores e que ajudam a amenizar os impactos de temperaturas variadas, além de assegurar o acesso ao alimento e à água.



Foto 5 e 6: Criação de galinha integrado com a criação de peixe
Fonte: Acervo pessoal.

Ressalta-se que este sistema integrado de criação de galinha com peixe expressa a criatividade do ser ribeirinho quilombola que insistentemente refaz por três vezes o tanque para criação de peixes que devido as marés altas eram destruídos, destas tentativas, uma alternativa para sustentabilidade do grupo.

Ao conciliar saberes e fazeres na criação de animais de pequeno porte como galinha, pato, porco com a criação de peixe mostra como estes grupos incorporam saberes transmitidos de geração em geração, e envolve toda a família, utilizam embarcações de pequeno porte, como canoas e/ou rabetas, ou ainda sem embarcações, como na captura de camarão nas proximidades da casa edificadas sobre o rio. A

¹² Ripa: feita com madeira, como se fosse uma fita, é utilizada para fazer telhado, fazer estrutura do galinheiro, das cercas e outras utilidades. Ver na foto 5 e 6, as ripas cercam a casinha onde as galinhas são criadas.

percepção da escassez dos recursos naturais motiva o diálogo com os saberes técnico-científicos.

Considerações Finais:

Os saberes ribeirinhos quilombolas na Amazônia, especificamente, na Ilha de Campompema, são estabelecidos em diversos espaços do contexto histórico e social. São saberes e fazeres partilhados entre gerações que se arranjam no processo de aprendizagem do trabalho de seus sujeitos, nas relações sociais do dia a dia, na vivência histórica e na socialização.

Portelli (2001, p. 127) ao considerar que *não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos, se lembram (...). Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada*. De tal modo que os saberes e fazeres dos sujeitos ribeirinhos quilombolas expressam nas memórias também marcas identitárias localmente amazônico que emerge devido à relação com a natureza e a necessidade de existência do modo de vida.

Referencias:

ALMEIDA, A. W. B. (coord.). **Nova cartografia social da Amazônia: ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural**. Manaus, AM: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UEA Edições, 2009.

AMADO, J. O grande mentiroso: Tradição, veracidade e imaginação em História Oral. *História*, São Paulo, v. 14. p. 125-136. 1995.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAR, P.; STREIFF-FENART, J. (org.). **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
_____. O sentimento do Mundo: memória, destino e cenários da vida entre errantes mineiros. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **As faces da memória**. Campinas: CMU, Coleção Seminários, 1995.

- CARDOSO, M. B. C. **Saberes ribeirinhos quilombolas e sua relação com a educação de jovens e adultos da comunidade de São João do Médio Itacuruçá, Abaetetuba/PA**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- DUBAR, C. Classe e Identidade: substituição ou mistura? *In: SALLUM JÚNIOR, B. et al. (Orgs.). Identidades*. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2018.
- _____. **A crise das Identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: EDUSP, 2009.
- _____. Para uma teoria sociológica da identidade. *In: A socialização*. Porto: Porto Editora, 1997.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In: A interpretação das culturas*. 1. ed. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- _____. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- HALL, S. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. *In: Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação, da UNESCO no Brasil, 2003.
- MAUÉS, R. H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados**. Ano 19 (53), 2005.
- PACHECO DE OLIVEIRA, J. (Org.). Apresentação; Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos migratórios. *In: A Viagem da Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste Indígena*. 2 ed. Rio de Janeiro: Contra Livraria/LACED, 1999.
- PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val diChiana Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. *In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- THOMPSON, E. O termo ausente: experiência. *In: A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.